

## APRESENTAÇÃO

Congressos, encontros, reuniões, dentre outros mega ou mini eventos... Em *Small World* (1984), David Lodge sugere que a vida acadêmica se constitui numa particularíssima demanda do Santo Graal. Assim, é como produto de muitos caminhos cruzados que lançamos mais uma edição da revista *Literatura em Debate*. Seu formato eletrônico contribui para encurtar distâncias, somando-se às atuais reconfigurações de tal conceito.

Este segundo número se organiza sob o tema “Literatura e Migração”, nele se entendendo também as migrações forçadas, como a escravidão e o banimento. Embora os textos selecionados trilhem várias geografias, por coincidência, ocupam-se quase exclusivamente de criações representativas da “última Flor do Lácio”. Todavia, culturas africanas, européias, orientais, cintilam em seus diálogos com Brasil e Portugal ou naquilo que Silviano Santiago chamou de “entre-lugar do discurso latino-americano”, em seu paradigmático ensaio de *Uma literatura nos trópicos* (1978). Portanto, há pelo menos 30 anos que a academia brasileira destaca as passagens, os limiares, as trocas etc. Concentrações de riqueza e poder geram uma turba de pessoas e personagens exiladas, ilegais, nômades, refugiadas, sem-pátria, tanto dentro quanto fora dos discursos. Em meio a efeitos desterritorializantes, as “culturas, é claro, têm seus ‘locais’”. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade sem começo”. Figuras que ocupam as diásporas contemporâneas não deixam de ter um pé no século XIX. Por um lado, relacionam-se ao flâneur, à passante, ao trapeiro de Charles Baudelaire; por outro, afinam-se em contextos de acentuadas migrações e imigrações. Há séculos, contudo, os auto-exílios, exílios e insílios implicam-se ao tema do deslocamento e da viagem, assim como as explorações e aventuras, o turismo e a peregrinação.

Daí a pertinência do texto produzido em conjunto por Giovana Cordeiro Campos e Maria Clara Castellões, no qual discorrem acerca das “Dimensões geográficas, literárias e tradutórias do exílio”. Os vínculos então divisados orientam “Vós, que conheceis a mim tam bem... as soldadeiras”, artigo em que Márcio Muniz examina jornadas de personagens habituais nas cantigas satíricas galaico-portuguesas: as prostitutas soldadeiras.

Por sua vez, Adriana Maximino dos Santos e Manuela Accácio, em “Funcionalismo

alemão e tradução de literatura imigratória”, abordam o livro de Emilie Heinrichs, *Die Frau des Auswanderers*, e sua tradução ao português – *A mulher do imigrante* – em vias de ser publicada. Maria Elisa Thompson enfoca “Murilo Mendes e Giuseppe Ungaretti: presenças da literatura brasileira na Itália”, assinalando os contatos interculturais desses poetas.

Ariane Ewald, Fátima Cavalcante e Silvana Bagno convidam-nos a refletir sobre migração interna e pobreza no Brasil, valendo-se do poema *Morte e vida Severina*, do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto. Ada Maria Hemilewski situa várias travessias na coletânea de contos *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, após percorrer a temática das viagens na literatura ocidental. Ao Oriente, dirige-se Maria Luiza Remédios, em “Memórias de viagem e o deslumbramento ante o mundo descoberto”, para tratar dos relatos de Josué Guimarães, pela União Soviética e a China socialistas. Já o conto de Moacyr Scliar, “Um mentiroso, aquele velho”, oferece motivos para Fernanda Bitazi discorrer sobre “Auto-exílio: fuga para um além inexistente”. Do mesmo escritor, *A estranha nação* de Rafael Mendes é comparada com narrativa do angolano Uanhenga Xitu: *Os sobreviventes da máquina colonial* depõem. Através do estudo contrastivo, Luzi Lene Prompt detecta “O papel do outro na formação da identidade”. O método comparativo igualmente orienta “Três passeios pelo Rio: a ficção obscena de Rubem Fonseca”. Dário Taciano de Freitas Júnior aí confronta três contos do escritor carioca, nos quais decifra o imaginário urbano e o processo modernizador. No texto intitulado “Nacionalismo, colonialismo e imigração na literatura portuguesa”, José Luiz Fornos passeia por obras lusitanas em que tais questões se inscrevem de maneira significativa. Por seu turno, “Viagens de Saramago ao passado português”, de Miquela Piaia, analisa *Memorial do Convento*, destacando episódios em que o leitor poder re(construir) os significados textuais. Ao fim destas páginas, mas não do percurso a ser traçado pelos trabalhos aqui constantes, Marcos Botelho nos brinda com “Tocata e fuga para dois perdidos em terra(s) estrangeira(s)”. Sua investigação percorre narrativas cinematográficas e literárias, centradas em brasileiras e brasileiros que buscam “fazer Américas” ou refazer a vida no exterior, submetendo-se à dor ou à delícia do desterro. Em *Reflexões sobre o exílio*, lembra-nos Edward Said: o saber do intelectual exilado se constrói por intermédio duma série de perdas. A vida se descentra e a existência se transforma num circo nômade, a refazer distintos círculos. Como nos teatros

mambembes ou em palcos de jograis, as pátrias ficam provisórias e as fronteiras, plurissignificativas. O pensador de nosso tempo, estrangeiro de si mesmo, não pode deixar de ver o mundo como território alheio, quintal do vizinho, terras do outro.

Prof. Dr. André Luis Mitidieri  
Curso de Letras/PPGL URI-FW